

## **A Construção Midiática do Herói: a Representação de Rafaela Silva na Folha de São Paulo nos Jogos Olímpicos/Rio 2016**

*The Construction of a Hero by the Media: Rafaela Silva's Representation in Folha de São Paulo in the Olympic Games / Rio 2016*

*La Construcción Mediática del Héroe: Representación de Rafaela Silva en Folha de São Paulo en los Juegos Olímpicos/ Río 2016*

*Alessandra Fernandes Feltes<sup>1</sup>*

*Liliane Schneider<sup>2</sup>*

*Eduardo Gabriel Sebastiany<sup>3</sup>*

*Norberto Kuhn Junior<sup>4</sup>*

*Gustavo Roese Sanfelice<sup>5</sup>*

### **Resumo**

Analisa a cobertura do jornal Folha de São Paulo acerca da judoca Rafaela Silva durante os Jogos Olímpicos Rio/2016. Fundamenta-se no conceito de herói de Campbell (1995). Essa pesquisa é do tipo qualitativa/descritiva, tendo como corpus todas as edições do Jornal Folha de São Paulo do período de 28 de julho a 27 de agosto de 2016 utilizando a análise de conteúdo de Bardin (2016). Os resultados foram divididos em três categorias temporais: Pré-evento, Disputa, Pós-disputa. A análise dos dados foi realizada por meio da triangulação por fontes, teórica e reflexiva. É possível afirmar que Rafaela Silva foi negligenciada pela cobertura da Folha até se consagrar com a vitória. A partir desse momento, o jornal utiliza sua imagem como um símbolo de esperança, sobretudo de superação por todos os desafios que a atleta ultrapassou. Por isso, sua história passa a ser explorada e trazida pelo jornal para que a sociedade se identifique com a atleta.

**Palavras-chave:** Cobertura Rio 2016. Jogos Olímpicos. Judoca Rafaela Silva.

### **Abstract**

Analyze the coverage of the newspaper Folha de São Paulo about the judoka Rafaela Silva during the Rio / 2016 Olympic Games. It is based on Campbell's concept of hero (1995). This research is qualitative/descriptive, having as corpus all editions of the newspaper Folha de São Paulo from July 28 to August 27, 2016 using Bardin's content analysis (2016). The results were divided into three temporal categories: Pre-event, Dispute, Post-Dispute. The analysis was carried out by means of triangulation by sources, theoretical and reflective. It is possible to state that Rafaela Silva was neglected by the coverage of Folha de São Paulo, until she was consecrated with the victory. From that moment on, the newspaper uses her image as a symbol

<sup>1</sup> Universidade Feevale, Novo Hamburgo, RS, Brasil, [alessandrafeltes@gmail.com](mailto:alessandrafeltes@gmail.com)

<sup>2</sup> Universidade Feevale, Novo Hamburgo, RS, Brasil, [lilischneider19@gmail.com](mailto:lilischneider19@gmail.com)

<sup>3</sup> Universidade Feevale, Novo Hamburgo, RS, Brasil, [eduardo\\_n8@hotmail.com](mailto:eduardo_n8@hotmail.com)

<sup>4</sup> Universidade Feevale, Novo Hamburgo, RS, Brasil, [nkjuniior@feevale.br](mailto:nkjuniior@feevale.br)

<sup>5</sup> Universidade Feevale, Novo Hamburgo, RS, Brasil, [sanfeliceg@feevale.br](mailto:sanfeliceg@feevale.br)

of hope, especially for overcoming all the challenges that the athlete has overcome. Thus, her history is explored and it is brought by the newspaper to the society, so people can identify themselves with the athlete.

**Keywords:** Rio 2016 Coverage. Olympic Games. Judoka Rafaela Silva.

### **Resumen**

Analiza la cobertura del periódico *Folha de São Paulo* acerca de la judoca Rafaela Silva durante los Juegos Olímpicos Río/2016. Se basa en el concepto de héroe de Campbell (1995). Esa investigación es cualitativa/ descriptiva. Tiene como corpus todas las ediciones del periódico *Folha de São Paulo* en el período de 28 de julio a 27 de agosto de 2016 utilizando el análisis de contenido de Bardin (2016). Los resultados están divididos en tres categorías temporales: Pre-evento, Disputa, Pos-disputa. El análisis de los datos se realizó por triangulación de fuentes teórica y reflexiva. Se puede asegurar que Rafaela Silva sufrió un descuido por parte de la cobertura de *Folha de São Paulo* hasta consagrarse con la victoria. A partir de ese momento, el periódico utiliza su imagen como un símbolo de esperanza, sobretodo de superación por todos los desafíos que la atleta pasó. Por ello, su historia pasa a ser explorada y es presentada por el periódico para que la sociedad pueda identificarse con la atleta.

**Palavras chave:** Cobertura Río 2016. Juegos Olímpicos. Judoca Rafaela Silva.

## **1 INTRODUÇÃO**

A visibilidade envolvida nos megaeventos esportivos tem remodelado o universo do esporte e o motiva, constantemente, a ser um espaço produtivo para a exploração e vinculação da mídia. Os Jogos Olímpicos Rio/2016 atingiu uma audiência de 3.5 bilhões de telespectadores que assistiram pelo menos um minuto do evento (COI, 2016).

Nessa concepção, a cobertura midiática prioriza também os atletas que participam deste megaevento, principalmente aqueles que já possuíam histórico de destaque em outras Olimpíadas. Isto é, estes começam a ter sua trajetória explorada pela capacidade de se tornarem referência para o leitor - apresentando e abordando seus caminhos, suas batalhas, suas vitórias, suas derrotas etc. para projetar uma vinculação com aquele que está de espectador.

Segundo Sanfelice (2018) nos jornais, a editoria de esportes configura-se como um lugar de apreciação popular e muitos leitores iniciam sua leitura seguindo esse caminho. Com esse encaminhamento, o não conhecimento técnico de uma determinada modalidade esportiva encaminha o jornalista para a construção de mapas de significado via aspectos simbólicos, como exemplo, temos a representação social, a idolatria, laços identitários, que a priori, são secundários na narrativa do acontecimento esportivo.

Contudo, parte-se da premissa que os agendamentos e enquadramentos midiáticos dependem, sobretudo, do desempenho dos atletas no megaevento, como exemplo apresenta-se o caso da judoca Rafaela Silva nesse estudo. Seu nome em comparação aos principais atletas citados de sua modalidade ultrapassou os nomes de Sarah Menezes e de Felipe Kitadai, os quais decepcionaram a nação brasileira com as suas desclassificações em seu primeiro dia de disputas nas Olimpíadas 2016<sup>6</sup>.

A hipótese desse estudo para justificar a ausência do nome da atleta até sua vitória é fundada em sua jornada nos Jogos Olímpicos Londres/2012. A judoca Rafaela entrou como favorita ao ouro, foi desclassificada e após essa perda, recebeu excessivas críticas e ofensas que fizeram a atleta pensar em desistir do esporte e se distanciar dos tatames (foi nomeada inúmeras vezes por apelidos pejorativos como macaca e favelada). Após a sua derrota, a atleta voltou para a sua cidade natal no Rio de Janeiro (Cidade de Deus), com vontade de não querer mais lutar. Em 2013 ela retorna pelo apelo do Comitê Olímpico do Brasil (COB) e da Confederação Brasileira de Judô (CBJ) que fizeram uma operação para resgatá-la para a próxima olimpíada (FOLHA DE SÃO PAULO, 2016).

Ao surpreender ganhando o primeiro ouro do Brasil nas Olimpíadas 2016 a judoca retorna a ser retratada nos jornais, potencializando sua imagem, sua história de superação e de persistência para todo o país. Seu nome foi posicionado como objeto de discussão midiática na posição de heroína. De acordo com Marín e Bianchi (2019) o ouro olímpico não está apenas associado a vitória, mas também ativa o valor heroico do atleta. Assim, as histórias de superação no esporte são reforçadas pela mídia para que os atletas vencedores se tornem verdadeiros heróis, como fonte de inspiração para o público/espectadores.

O conceito de herói surge a partir da ideia de “redimir a sociedade” e trazer benefícios aos seus próximos. De acordo com Campbell (1995) possui vinculação com a narrativa clássica do indivíduo que parte do mundo cotidiano e se aventura a enfrentar obstáculos considerados intransponíveis, no qual, vencerá e retornará para casa fortificado em glória.

Portanto, essa pesquisa teve como objetivo analisar a cobertura do jornal Folha de São Paulo acerca da judoca Rafaela Silva durante os Jogos Olímpicos Rio/2016. A seguir, para desenvolvermos essa análise, especifica-se o procedimento metodológico selecionado para a investigação desse estudo.

---

<sup>6</sup> Sarah Menezes e Felipe Kitadai perderam suas lutas de repescagem para as quartas de final e deram adeus à chance de medalha no judô no Rio 2016. Sarah enfrentou a judoca mongol Urantsetseg Munkhbat e não resistiu às dores no cotovelo direito e foi obrigada a desistir do confronto. Já Felipe Kitadai não chegou a se render, mas sofreu de Urozboev Diyorbek um ippon (golpe perfeito) que custou a classificação para a disputa do terceiro lugar do pódio (FOLHA DE SÃO PAULO, 2016).

## 2 PROCEDIMENTO METODOLÓGICO

A presente pesquisa é do tipo qualitativa/descritiva, tendo como *corpus* todas as edições do Jornal Folha de São Paulo do período de 28 de julho a 27 de agosto de 2016, representando toda a cobertura do megaevento e acrescentando um período pré e pós-evento. Os fragmentos de registro foram títulos, subtítulos, textos, imagens, editoriais, entre outros, analisando toda inferência alusiva ao esporte judô, sobretudo a atleta Rafaela Silva.

O método selecionado para a efetivação da análise dos dados desta pesquisa foi a análise de conteúdo de Bardin (2016), no qual dividiu-se a análise em três fases: 1ª) Fase pré-análise textual e temática; 2ª) Fase da exploração do material; 3ª) Fase de tratamento dos resultados. Estabeleceu-se, assim as categorias temporais a partir da codificação do material analisado e assinala-se a quantidade de matérias averiguadas:

- Pré-evento (28 de julho a 04 de agosto) - 4 matérias
- Disputa (05 de agosto a 21 de agosto) - 42 matérias
- Pós-disputa (22 de agosto a 27 de agosto) - 8 matérias

Para analisá-las realizou-se a triangulação de fontes, teórica e reflexiva. Bem como, foi utilizado o método qualitativo, que segundo Dijk (1990), esse referido método possibilita a execução da análise textual e visual suprindo as estruturas do discurso em diversos níveis de descrição. Na passagem seguinte será apresentado a análise realizada.

## 3 PRÉ-EVENTO

A cobertura do jornal Folha de São Paulo no período Pré-evento (28 de julho a 04 de agosto). A matéria do dia 01 de agosto de 2016, destaca que as mulheres são favoritas ao ouro em modalidades como o voleibol, o rúgbi e o judô – apresentado posteriormente na figura 1. Essa informação baseia-se tanto nas vitórias da olimpíada anterior, a de Londres/2012, como também na trajetória atual do ranking.

Entende-se que o agendamento, em nossa pesquisa, é enriquecido pela processualidade do campo simbólico vinculado ao atleta. Nesse sentido, a mídia trabalha com os resultados antes e depois aos Jogos e as implicações das disputas - como o drama pessoal do atleta, a história de vida (SANFELICE, 2018).

Em vista disso, o registro desse fenômeno evidencia as revelações que o campo esportivo detém nos megaeventos e em diferentes competições. Pois nessa ideia, o jornal não enfatiza ou menciona o nome da atleta Rafaela Silva como suposto destaque nem que ela exercia uma posição de relevância.

Por sua vez, apesar do jornal não ter citado a atleta especificamente nesse período, ele aponta o potencial feminino no judô e em outras modalidades. A Folha, no dia 1 de agosto de 2016, traz uma matéria que destaca as mulheres como favoritas nos esportes carros-chefes do país. Explicita que elas seriam mais fortes que os homens no judô colocando assim, o gênero em discussão.

Historicamente falando a mulher no esporte por muito tempo não pode participar dos Jogos Olímpicos, pois era considerada uma competição masculina por motivos culturais, antropológicos e sobretudo, físicos. Na sociedade ateniense, prevalecia a ideia que o corpo da mulher era especificamente para cumprir o papel de mãe e à medida que atingia a idade adulta, as moças dedicavam-se à vida doméstica (RUBIO; SIMÕES, 1999).

O título: “Elas são mais fortes que eles no judô brasileiro”, localizado no Caderno de Esportes e Cotidiano da Folha de São Paulo (B2), provoca o leitor a repensar o local das mulheres nos esportes. Ou seja, o âmbito esportivo sempre teve a predominância da força masculina, contudo, nessa perspectiva, o jornal tenciona a superioridade do homem sobre a mulher.

Estudos que contemplam discussões de gênero e de comunicação sublinharam como em geral, no discurso da mídia, prevalece um modelo de dominação masculina e patriarcal (SÁNCHEZ; CAFFAREL, 2004). Para Goellner (2016) a partir da lógica binária, o homem passa a ser considerado como superior em relação à mulher, esse raciocínio se aplica no esporte, partindo da premissa que ele, por ter níveis mais elevados de testosterona, possui melhor rendimento atlético, é mais forte e mais veloz. Dessa maneira, as mulheres são consideradas inferiores e pressupõe-se que não conseguem ser tão hábeis.

Infelizmente, na mídia, qualquer que seja o desempenho das mulheres nunca serão julgadas integralmente pelo que fazem, mas pelo que são. Em outras palavras, o discurso midiático sempre abrangerá fatores predominantes, tais como: beleza, vestuário, aparência, comportamento ou maneiras.

No discurso da Folha, como nota-se a seguir na figura abaixo, há o destaque do empoderamento feminino, contudo, por mais que o jornal reconheça as mulheres como mais fortes no judô e com maiores possibilidades de conquista, usa o homem como parâmetro de força e referência. Ainda, destaca a importância da participação e o crescimento do gênero feminino nas Olimpíadas.

Figura 1- Caderno de Esporte e Cotidiano da Folha de S. Paulo no dia 1 de agosto de 2016 (B2)

B2
RIO 2016
SEXTA-FEIRA, 1º DE AGOSTO DE 2016
FOCAL SP/16
Bradesco
CVC



**GÊNEROS NOS JOGOS**

## Elas são mais fortes que eles no judô brasileiro

Nos esportes que são carros-chefes do país, mulheres têm mais chances

**COB e atleta mulher no alto escalão da entidade, acessíveis que a virada deve acontecer em Tóquio 2020.**

O Comitê também apóia-se na atenção às mulheres. Nos últimos seis anos, ganhou a estrela onde havia espaço para a presença das atletas e equipes do país na busca por medalhas nos Jogos. As modalidades femininas se tornaram um dos alvos.

"Temos um foco em particular no primeiro feminino em cada modalidade", afirma o presidente da entidade, o ministro Esporte.

O COB tem um programa em parceria com a COB Mulheres e o COB (Comitê Olímpico Brasileiro) que envolve atletas de 12 a 18 anos, em que elas trabalham com profissionais, são treinadas etc.

O aumento da participação feminina e da atenção diferenciada às mulheres também tem se refletido nos resultados de esportes menos disseminados. O principal nome da categoria olímpica, por exemplo, é Ana Júlia.

"No judô, sempre foi a única modalidade feminina. Viajava para as Copas sempre só eu de menina e sem mulheres na comissão técnica. Fico feliz que as meninas estejam crescendo", conta.

O rígido, não como um esporte mais "masculino", também vê as mulheres se destacarem no ciclo de sua carreira nos Jogos. Segundo a atleta Edna Santini, há hoje no Brasil mais atletas em formação do que no passado.

Nos dois últimos Jogos, as brasileiras ganharam menos medalhas do que os homens, mas foram superadas por muitos outros. Depois 2008 teve o primeiro título de uma mulher em provas individuais, com Maecenas Bleggi no salto em distância, além do ouro de vilão.

Em Londres, Sarah Menezes ganhou o primeiro ouro brasileiro de judô, e a seleção de vilão, o bicampeão, também ganhou. Isso aconteceu, afirma Esporte, graças ao planejamento esportivo do



**SEXO FORTE**  
Mulheres são maioria entre peixes da elite olímpica\*

Gráfico de barras comparando o número de atletas homens e mulheres em 11 modalidades olímpicas. O eixo Y representa o número de atletas, variando de 0 a 200. O eixo X lista as modalidades: Esportes Aquáticos, China, Reino Unido, Alemanha, França, Canadá, Austrália e Brasil. Em geral, as barras azuis (mulheres) são maiores que as vermelhas (homens).

**TOTAL DE MULHERES POR OLIMPIÁDA**

Ano e cidade	Número de mulheres	Porcentagem, em %
1900 Paris	0	0,0
1904 St. Louis	22	2,2
1908 Londres	36	3,6
1912 Estocolmo	17	1,7
1916 Helsinki	148	14,8
1920 Antuária	63	6,3
1924 Paris	115	11,5
1928 Amsterdam	217	21,7
1932 Los Angeles	178	17,8
1936 Berlin	210	21,0
1940 Londres	290	29,0
1944 Helsinki	318	31,8
1948 Melbourne	376	37,6
1952 Helsinque	411	41,1
1956 Melbourne	478	47,8
1960 Roma	511	51,1
1964 Tokyo	578	57,8
1968 Ciudad de México	781	78,1
1972 Munique	1018	101,8
1976 Montreal	1210	121,0
1980 Moscou	1215	121,5
1984 Los Angeles	1368	136,8
1988 Seul	1394	139,4
1992 Barcelona	1516	151,6
1996 Atlanta	1612	161,2
2000 Sydney	1668	166,8
2004 Atenas	1729	172,9
2008 Pequim	1837	183,7
2012 Londres	1878	187,8
2016 Rio**	1981	198,1

**INCLUSÃO**  
Marcas da introdução de mulheres nas Olimpíadas

- 1900 Tiro e Golf
- 1904 Tiro com arco
- 1908 Tiro\*\*
- 1912 Esportes aquáticos
- 1924 Equitação
- 1928 Atletismo e ginástica
- 1948 Canoagem
- 1952 Hóquei
- 1964 Vôlei
- 1976 Basquete e Handebol
- 1984 Tiro e Ciclismo
- 1988 Tiro\*\*; Tiro de arco e Volei
- 1992 Badminton e Judo
- 1996 Futebol e Softbol
- 2000 Levantamento de peso, Futebol Mulheres, Tênis em quadras abertas
- 2004 Tiro
- 2012 Tiro
- 2016 Golf\*\* e Rugby\*\*

**COB tenta colocar mais mulheres em altos cargos**

A modernização do COB para que seja uma maior presença feminina não se restringe às competições. A entidade tem agido para facilitar a participação de mulheres em postos-chave de governança. Em 1995, criou a comissão Mulheres e Esporte para aconselhar o presidente do COB e o comitê executivo em decisões sobre o tema.

Embora nunca tenha sido da zona mandatária na Best, o comitê teve neste ano 2000 duas vice-presidentes; em 2009, a marceca Guedes Lindberg e, desde 2012, a marcepa Raquel El Moutaouakil. As duas fazem parte da comissão executiva da entidade.

Com as mudanças, o COB tem agido para facilitar a participação de mulheres em cargos-chave de governança. Em 1995, criou a comissão Mulheres e Esporte para aconselhar o presidente do COB e o comitê executivo em decisões sobre o tema.

Fonte: Folha de S. Paulo (2016).

Em uma sociedade machista é comum que mulheres atletas sofram preconceito de gênero, principalmente se elas praticarem esportes considerados masculinos, ou seja, aqueles

que são representados como mais “agressivos” e “violentos” (MOURA et al, 2010). Ao se tornarem atletas dessas modalidades, automaticamente, surge certa especulação sobre sua orientação sexual, presumindo-se que são lésbicas, contrariando o social normativo.

Segundo Goellner (2016), modalidades consideradas masculinas, como as lutas, apenas foram abertas às mulheres após um século de existência dos Jogos. Enquanto os homens sempre foram incentivados a praticar esportes, elas eram afastadas desse cenário, inclusive por dispositivos jurídicos. Somente em 1936 que o Comitê Olímpico Internacional (COI) começou a considerar as mulheres oficialmente como atletas olímpicas.

No Brasil, houve o decreto-Lei 3.199/91 que proibia mulheres de praticarem esportes incompatíveis com o organismo feminino (considerado como frágil, delicado etc.) (BRASIL, 1941). Dessa maneira, as modalidades de lutas, futebol de salão, rúgbi e o halterofilismo, por exemplo, não poderiam ser praticadas por mulheres (PRADO; ALTMANN; RIBEIRO, 2016; SALVINI; MARCHI JÚNIOR, 2013).

No caso presente, percebe-se a resistência englobada na trajetória e na presença feminina nos esportes. No início dos Jogos Olímpicos eram banidas e proibidas a participar do mundo esportivo e das competições, e somente após muitas reivindicações tiveram um reconhecimento tardio da posição de atleta. Já no contexto atual na cobertura do jornal Folha, ainda, encontra-se profundas marcas de preconceito, ofensas e relutância ao lugar que as mulheres exercem, como também, na maioria das vezes os discursos que as mencionam são delineados pela ideia de fragilidade.

#### **4 DISPUTA**

Já no período nomeado “Disputa” (do dia 05 a 21 de agosto), em primeiro momento o jornal dá enfoque às derrotas dos dois grandes nomes do judô como Sarah Menezes e Felipe Kitadai. A Folha destaca esses dois atletas por serem os últimos medalhistas da categoria judô na Olimpíada Londres/2012, entretanto, acabaram perdendo as suas lutas na repescagem e não conseguiram conquistar nem o bronze (FOLHA DE SÃO PAULO, 2016).

Assim, a cobertura do jornal Folha segue com um discurso crítico para qualquer expectativa de medalha na modalidade de judô nos Jogos Olímpicos Rio/2016. Entretanto, com a vitória inesperada da atleta Rafaela Silva, e o primeiro ouro do país, houve uma modificação em seus enunciados.

A Folha, na capa do dia 09 de agosto de 2016 ressalta que ela teve que lutar como uma garota para chegar ao pódio, e vencer a derrota que havia ocorrido na Olimpíada anterior. Com uma expressão de esforço, a matéria em destaque enfatiza características de superação e garra

que a atleta desenvolveu na luta. A expressão usada “Lute como uma garota” (FOLHA DE SÃO PAULO, 2016), conforme Marín e Bianchi (2019, p. 94) também é “uma forma de defender a igualdade de gênero em todas as esferas sociais, especialmente em um país machista como o Brasil”. Como pode-se observar abaixo:

Figura 2 - Capa Jornal Folha de S. Paulo no dia 9 de agosto de 2016 (A1)

**FOLHA DE S. PAULO**  
UM JORNAL A SERVIÇO DO BRASIL  
folha.com.br

EDIÇÃO SP/DF • CONCLUÍDO ÀS 08H25 • R\$ 4,00

TERÇA-FEIRA, 9 DE AGOSTO DE 2016 • Nº 11.900

# Proposta da gestão Temer limita gastos dos Estados

Governo quer restringir reajustes, mas desiste de cortar despesa com servidores

O governo Michel Temer (PMDB) apresentou nova versão da sua proposta de renegociação das dívidas dos Estados com a União. O projeto incorpora mecanismos para conter a expansão acelerada de gastos com pessoal.

O plano do Ministério da Fazenda proíbe concursos e a concessão de reajuste aos servidores por dois anos. O texto também impõe um teto para o aumento das despesas nesse período, quando elas não poderão crescer acima da inflação.

Os dois mecanismos já fazem parte do acordo firmado em junho com os governadores. O projeto também propõe engajar despesas como aposentadorias e benefícios nos limites impostos a gastos com pessoal.

Mas a oposição dos funcionários públicos obriga o governo e seus aliados na Câmara dos Deputados a desistirem dessas mudanças.

O ministro da Fazenda, Henrique Meirelles, afirmou que é importante que o Congresso aprove a proposta o mais rápido possível.

O assunto está na pauta de votação da Câmara nesta terça (9). O Planalto avalia, porém, que será difícil votar a proposta nesta semana, devido à falta de unidade da base aliada. A discussão pode acabar adiada para depois das eleições, em outubro.

Opinião, que dá aos Estados mais 20 anos para pagar suas dívidas e descontar nas prestações, terá custo estimado em R\$ 30 bilhões para a União. **Marcos 413**

## RIO 2016

### Lute como uma garota

Rafaela Silva, 24, conquistou ontem o primeiro ouro do Brasil. Na categoria leve do judô, ela venceu a mongol Sumiya Dorsuren na final. Rafaela, que cresceu na Cidade de Deus, no Rio, foi eliminada em Londres-12, sobre ofensas racistas e passou em desfilê do esporte. **Na 2014 81**

A brasileira Rafaela Silva obtém waza-ari (2ª maior pontuação no judô) na luta contra a mongol Sumiya Dorsuren

### Supremo deve julgar hoje ação que pode barrar Russomanno

Paulo 47

### Planalto aposta em até 60 votos no Senado para tornar Dilma ré

Paulo 44

### DIÓGO BERCITO

Joões têm arruabos nacionalistas e são cenário de disputas geopolíticas

### QUADRO DE MEDALHAS

Considerando total de ouro\*

País	Ouro	Prata	Bronze	Total
Brasil	1	0	0	1
Estados Unidos	0	0	0	0
China	0	0	0	0
Japão	0	0	0	0
Coreia do Sul	0	0	0	0
Grã-Bretanha	0	0	0	0
Itália	0	0	0	0
Países Baixos	0	0	0	0
Estados Unidos	0	0	0	0
China	0	0	0	0
Japão	0	0	0	0
Coreia do Sul	0	0	0	0
Grã-Bretanha	0	0	0	0
Itália	0	0	0	0
Países Baixos	0	0	0	0

### EDITORIAIS

Opinião 42  
Leia "A sangria continua", acerca de declarações de executivos da Odebrecht, e "Reversão no Tapajós", sobre recusa de licença a hidroelétrica

### LIBERDADE

Forcedor contra Temer na Arena Carioca 1; juiz federal concede liminar que libera protestos pacíficos e proíbe a retirada de manifestantes na Olimpíada no-2016 88

### ATMOSFERA

Cartão 812  
Temperatura máxima: 28°C  
Mínima: 19°C. **Métemo 39°C**

### RODÍO

Cartão 812  
Máximo de veículos: 3,4  
Máximo de veículos: 3,4

### FALE COM A FOLHA

Contato: 011 3100-0000  
FAX: 011 3100-0001  
E-MAIL: contato@folha.com.br

### UNINOVE

é a melhor universidade particular brasileira nas mais respeitadas rankings

### AKIHITO

82 anos, imperador do Japão, indica que deseja abdicar

Mundo 410

Fonte: Folha de S. Paulo (2016).

A matéria acima mostra a atleta Rafaela Silva (de azul) na capa do jornal, derrotando a sua adversária em uma posição de força e determinação sobre o tatame. Após esse feito, o periódico não estabelece uma preferência conceitual acerca da teoria de herói do autor Campbell (1995), seu interesse pauta-se no enaltecimento aos feitos da atleta procurando sensibilizar o público a partir da identificação de luta (tanto no próprio esporte, quanto em sua vida).

Nessa linha de pensamento, a representação do atleta/herói é de impulsionar a midiaticização tornando-se espelho de uma cultura, de uma nação através da cobertura midiática, onde no mundo dos esportes, a conquista do atleta-herói é inexoravelmente compartilhada com a nação ou equipe que ele representa (SANFELICE, 2018)

Para que os atletas possam se consagrar heróis, as mídias em tempos de eventos exercem um papel fundamental. Katz (1999) relata que os acontecimentos midiáticos precisam de um herói. Nesta condição, o autor destaca que o aspecto agonístico do esporte remete a essa construção, pela cobertura midiática. Isto é, o campo esportivo cria heróis para ter significado para que a sociedade possa se identificar com o campo.

Helal (1998) aponta que a construção da figura do herói na sociedade moderna, se dá através de uma edição midiaticizada de fatos e acontecimentos. Esta edição, por sua vez, é realizada em comum acordo com o público e é ancorada no carisma do ídolo resultando em um sucesso midiático para a sua carreira.

Nessa perspectiva, nota-se que a Folha após a vitória de Rafaela Silva, fortifica a imagem da atleta como uma figura pública no campo esportivo, estabelecendo e moldando diferentes aspectos para que ela se torne uma heroína para a sociedade. Já que a medalhista olímpica está posicionada em um lugar de fala fragilizada (mulher negra de classe popular).

Para Müller (1987) muitos indivíduos receptores se identificam com o herói, pois o tem como defensor da sua própria causa. Solidarizam-se com as suas batalhas, os seus medos e os seus sofrimentos; com as suas vitórias e derrotas, e com a sua luta pela sobrevivência.

Nesse sentido, a Folha traz em seu discurso uma tentativa de aproximar o leitor da realidade que a atleta está inserida e de quão importante é a sua figura (título da matéria: “Cidade De Deus celebra ouro de judoca”). Assim, o jornal esboça como foi a reação dos moradores da zona oeste do Rio, durante a luta e após a judoca ter conquistado o ouro enfatizando o impacto que essa vitória causaria na vida de várias crianças.

Segundo a matéria do dia 9 de agosto de 2016, no Caderno de Esporte e Cotidiano da Folha de S. Paulo (B2) a trajetória de vida da judoca recebeu enfoque por todos os enfrentamentos que ela sofreu em sua jornada (como por exemplo a derrota, na Olimpíada

anterior, que quase resultou na desistência da atleta na carreira esportivas, como também o local de moradia da atleta).

Com base nesses preceitos, percebe-se que a cobertura do itinerário de Rafaela até sua redenção suscita a empatia do leitor por sua trajetória de superação que a consagrou como uma heroína - “superou miséria e racismo até levar o ouro” (FOLHA DE SÃO PAULO, 2016). Como nota-se a seguir na figura:

Figura 3- Caderno de Esporte e Cotidiano da Folha de S. Paulo no dia 9 de agosto de 2016 (B2)

**valente**  
BRIGONA NA FAVELA, RAFAELA SUPEROU MISÉRIA E RACISMO ATÉ LEVAR O OURO

**Não tem recado, só a medalha no meu peito**

**Juá é a minha vida. Coercci aos cinco anos, não tinha cônjuge, só queria brincar como todas as outras crianças**

**Cidade de Deus celebra ouro de judoca**

Fonte: Folha de S. Paulo (2016).

Após seu grande feito e sua maior pontuação pessoal, Rafaela Silva trouxe para o seu país mais que uma vitória, expôs sua história de vida e superação ao preconceito e a discriminação. Sendo assim, a cobertura do jornal Folha coloca em destaque sua trajetória de vida na cidade de Deus, favela do Rio de Janeiro, e o valor de sua conquista (FOLHA DE SÃO PAULO, 2016).

Na definição desses aspectos dando enfoque a sua trajetória de superação o jornal elabora um discurso de herói indestrutível e suas próprias características, revelando não só a capacidade de vencer, mas igualmente de não desistir e reerguer-se, construindo a identidade social via o sentimento de superação pelo esporte (RUBIO, 2002).

Para os autores Cavalcanti e Capraro (2016) ao descrever uma história de superação, o jornal consegue associar a imagem do atleta como modelo de representação social de um indivíduo que não desiste dos desafios, superar os próprios limites e vencer as batalhas no esporte e na vida. Aproximando o herói da realidade de outros sujeitos, que passam a admirá-los, pelas suas dificuldades, conquistas e fracassos. Como observa-se a seguir no título da matéria “Bem brasileira”:

Figura 4 - Contracapa do Caderno de Esporte e Cotidiano da Folha de S. Paulo no dia 9 de agosto de 2016 (B1)

**RIO 2016** FOLHA DE S. PAULO  
TERÇA-FEIRA, 9 DE AGOSTO DE 2016 B1

ALTERNATIVO  
Com ajuda de  
medicina chinesa,  
Phelps tenta 2ª  
medalha olímpica  
Pag. B17

Bradesco

CVC

A carioca Rafaela Silva, 24, com sua medalha de ouro

# Bem brasileira

## CARIOCA DA CIDADE DE DEUS, RAFAELA, 24, CONQUISTA 1º OURO DO PAÍS

**DEUS**  
DEUS

A primeira medalha de ouro do Brasil na Rio-2016 não poderia ter sido mais carioca.

Vindo dos golpes da judoca Rafaela Silva, 24, criada na Cidade de Deus, revela a 8 km da Arena Carioca 2, local do triunfo no Parque Olímpico, na zona oeste do Rio. Uma mulher serga que quase abandonou a carreira após sofrer diversas fracturas ao ser eliminada na primeira luta em Londres-12. E que esteve no Judo aos cinco anos para lidar com a própria agressividade no ambiente em que vive.

Foi no seu quintal, com familiares e amigos na arquibancada, que ela chegou ao topo do pódio na categoria leve (até 57 kg). "Ser campeã olímpica com o Judo como bônus é inesperado", disse.

Olhar firme e boca cerrada eram os gestos que repetia antes de cada uma das cinco lutas que venceria para chegar ao ouro. Só os segundos antes do combate revelavam seu traço mais suave: o aparelho de dente sem bota-cha verde e amarela.

No percurso até o ouro, derrotou tanto o trunfo de Londres-12 como sua almeja há quatro anos. Nas quartas, superou com facilidade a húngara Hedvig Karakas. Na semifinal, uma batalha de 7 minutos contra a rumena Corina Ciopescu — o tempo normal (4 min.) terminou empatado. Para o técnico Mário Tostão, a vitória que levou a medalha de ouro.

O último erro de educação veio após a vitória sobre a mongol Sumiya Dorjasuren, último erro do mundo. Superou a por um pouco — foi aplicado na primeira metade da luta. Rafaela ajoelhou no tatame, abraçou o treinador e pulou na grade da arquibancada para comemorar com a família. Nesse momento, já era a campeã olímpica, cinco minutos, até o momento marcado e com o ouro em mãos.

— LINA, 24, em pag. B1 e B2

SEQUÊNCIA DE OURO © wazari de Rafaela Silva

- 1
- 2
- 3
- 4

Na sequência de ouro, Rafaela Silva comemora a vitória sobre a mongol Sumiya Dorjasuren, último erro do mundo. Superou a por um pouco — foi aplicado na primeira metade da luta. Rafaela ajoelhou no tatame, abraçou o treinador e pulou na grade da arquibancada para comemorar com a família. Nesse momento, já era a campeã olímpica, cinco minutos, até o momento marcado e com o ouro em mãos.

Fonte: Folha de S. Paulo (2016).

Nessa imagem a Folha procurou salientar traços que fazem os brasileiros se identificarem com ela. Ou seja, evidenciam qualidades que ela já possuía como determinação,

persistência, raça negra, devoção e fé. Essa realidade é percebida no seguinte exemplo: “Bem brasileira. Carioca da Cidade de Deus, Rafaela, 24, conquista o 1º ouro do país”. (FOLHA DE SÃO PAULO, 2016). A partir daí esse título também mostra como, em períodos de megaeventos, a identidade local se amplia para um sentimento nacional.

Dessa maneira, pode-se notar que a Folha utilizou a imagem da atleta, para construir a narrativa que a sua trajetória apresentaria características heroicas, rememorando as vitórias, derrotas, a superação de momentos adversos vividas com o racismo, os problemas econômicos e o retorno às conquistas. Portanto, seu discurso é carregado de um sentido sensacionalista, pois busca trazer ao público “um elemento adicional para gerar um maior grau de identificação que pode se tornar um exemplo de comportamento para quem assiste, o que permite a produção de símbolos e significados, bem como uma estratégia para ampliar o público” (MARÍN; BIANCHI, 2019).

## **5 PÓS - DISPUTA**

Já no período pós disputa (22 a 27 de agosto) o jornal destaca o mau desempenho do Brasil nas Olimpíadas. Na edição do dia 22 de agosto, data em que se encerra as Olimpíadas Rio/2016, a Folha faz uma retrospectiva e uma avaliação da performance das equipes brasileiras nos Jogos Olímpicos. Assegurando que as expectativas esperadas em medalhas não foram atingidas.

Consequentemente, a partir dessa retrospectiva, a cobertura midiática do jornal retoma a conquista da judoca Rafaela Silva citada como uma heroína improvável do megaevento. Sua imagem foi vista por todo o Brasil, quando a atleta teve sua volta triunfal para a sua terra natal, Rio de Janeiro - a cidade de Deus, onde foi transportada em um caminhão de bombeiros (FOLHA DE SÃO PAULO, 2016). Na imagem abaixo evidencia-se a conquista da judoca sendo comemorada:

Figura 5 - Caderno de Esporte e Cotidiano da Folha de S. Paulo no dia 22 de agosto de 2016 (B3)

CVC Bradesco FOLHA DE SÃO PAULO TERÇA-FEIRA, 23 DE AGOSTO DE 2016 RIO 2016 B3

## FORÇAS ARMADAS

# Militares continuam no Rio até as eleições, diz ministro

'Sensação foi positiva', afirma titular da Defesa sobre trabalho nos Jogos

**MARCO ANTONIO MARTINS**

O ministro da Defesa, Raul Jungmann, disse nesta segunda-feira (22) que as Forças Armadas continuarão no Rio de Janeiro durante o Paralelamente Rio 2016 e as eleições municipais, em outubro.

Além da segurança das locais e do período de patrulhamento, isso depende da assinatura de uma nova Lei Organiza da Lei e da Ordem, que dá aos militares o poder de polícia por um período determinado.

A medida entraria a um pedido de presidente do TSE (Tribunal Superior Eleitoral), o ministro Gilmar Mendes.

"A prática é essa. Está na lei. Não vamos ter de efetivamente ficar no Rio e em outros 400 cidades, que é o mito. Agora, diz o efetivo, a demanda tem de vir deles, dos municípios. Neste momento, a gente não tem essa previsão", disse Jungmann.



**A morte do policial [da Força Nacional] foi um caso de segurança. Não cremos em nenhuma crise na defesa e na segurança. Temos incidentes. A sensação foi positiva**

**RAUL JUNGMAN**  
ministro da Defesa

Para a Paralelamente Rio, o efetivo no Rio de Janeiro será o mesmo: 23.335 militares, apenas com a mudança na distribuição.

**SENSAÇÃO POSITIVA**

Em avaliação do trabalho das Forças Armadas no Rio 2016, o ministro afirmou que não houve crise e que "a sensação foi positiva".

As mortes do policial Bilton Vieira, da Força Nacional, e do agente rodoviário Murilo Rezende, ambos durante os jogos, não foram vistas pelo ministro como problemas da Olimpíada.

"A morte do policial [da Força Nacional] foi um caso de segurança. Não cremos em nenhuma crise na defesa e na segurança. Temos incidentes. A sensação foi positiva", afirmou o ministro durante entrevista na sede do Comando Militar do Leste, no Rio.

Entre os incidentes, o ministro citou o ataque ao ônibus de jornalista na Trans-Olimpica, via expressa que liga Duque de Caxias à Barra da Tijuca, e as duas balas perdidas encontradas no Complexo Esportivo de Deodoro.

"Não houve militar envolvido em incidentes. Isso é um dado positivo", disse o ministro. Ao todo, forças sob sua comando — Marinha, Exército e Aeronáutica — participaram do esquema de segurança da Olimpíada.

Elas patrulharam a orla do Rio, vias expressas, áreas turísticas, como o Cristo-Redentor, e estruturas estratégicas, como usinas de energia e de fornecimento de água. Decreto assinado pelo presidente Jair Bolsonaro — Michel Temer (PMDB) dava às Forças o poder de polícia.

Na zona sul da cidade, a presença de 24.000 militares, como o Cristo-Redentor, e estruturas estratégicas, como usinas de energia e de fornecimento de água. Decreto assinado pelo presidente Jair Bolsonaro — Michel Temer (PMDB) dava às Forças o poder de polícia.

Na zona sul da cidade, a presença de 24.000 militares, como o Cristo-Redentor, e estruturas estratégicas, como usinas de energia e de fornecimento de água. Decreto assinado pelo presidente Jair Bolsonaro — Michel Temer (PMDB) dava às Forças o poder de polícia.

Na zona sul da cidade, a presença de 24.000 militares, como o Cristo-Redentor, e estruturas estratégicas, como usinas de energia e de fornecimento de água. Decreto assinado pelo presidente Jair Bolsonaro — Michel Temer (PMDB) dava às Forças o poder de polícia.

«GEOPOLÍTICA»  
**DIÓGO BERCITO**

## Sem medalha, mas no mapa-múndi

**ENCERROU-SE NO Domingo (20) o trabalho de escavação no qual atletas de todo o mundo estiveram empenhados, circunscrito em busca de ouro, prata e bronze. Os Estados Unidos, com os seus escalados na natação, venceram a competição — 46 medalhas douradas, em um total de 121. O Brasil, em 17ª lugar, teve sete ouros entre os 19 atletas. Apesar do tal espírito esportivo, a Olimpíada premia os vencedores, e é preciso olhar lá embaixo na lista para ver que dez países empatarem com apenas uma medalha de bronze cada um. E, sejam só, um bronze ainda é um ótimo resultado, já que 72 dos 206 comitês olímpicos que participam dos Jogos nunca ganharam medalha de ouro. Países como Bolívia, Mônaco e Nepal continuam sem obter um medalha.**

**Mas, como esta cultura temia recuar nas últimas semanas, a Olimpíada é mais do que as pescoças pesadas de tantas condecorações dependuradas. É uma reunião dos representantes de países que por vezes se detestam, e cenário para constrangimentos diplomáticos como o judoca apito que não quis cumprimentar seu rival russo. É também um palco para a disputa de crises territoriais, como a que envolve Armênia, Turquia e Azerbaijão em torno de Nagorno Karabakh. Na cidade pública da Armênia, o conteúdo da cobertura de seus atletas de luta greco-romana era claro, ao noticiar a vitória de armênia em cima de seus competidores turcos e azeris.**

**Países participam da Olimpíada também como maneira de criar uma imagem de suas nações, em meio a seus esforços pelo reconhecimento internacional. É o caso de Kosovo, cuja justiça Milinda Reimedi venceu o ouro e trouxe de volta ao debate a crise em torno desse território, disputado com a Sérvia (o Brasil não reconhece a independência de Kosovo, por exemplo). É o caso também do Sudão do Sul, recém independente, e da Palestina. Há debates em disputa com Israel pelo controle da faixa de Gaza e da Cisjordânia. E nos Jogos Olímpicos é, afinal, uma maneira de fazer parte da máquina do mundo enquanto o reconhecimento pleno pelas Nações Unidas tardar — não chegou a Kosovo, com o veto russo, nem à Palestina, com o veto americano.**

**A propósito, não por coincidência quatro dos cinco membros permanentes do Conselho de Segurança da ONU com poder de veto estão no topo do pódio da Olimpíada: EUA, Reino Unido, China e Rússia. Ficou faltando a França, que chegou em sétimo lugar. Mas sobressaem evidências do quanto há em comum entre as partidas jogadas no mapa-múndi e aquelas disputadas no Rio.**

**A Olimpíada é mais do que os pescoços pesados de tantas condecorações dependuradas**



**RETORNO TRIUNFAL**  
Rafaela Silva acena para moradores da Cidade de Deus durante desfile em carro aberto pelas ruas da comunidade do Rio em que nasceu, nesta segunda-feira (22); a judoca conquistou a medalha de ouro nos Jogos do Rio na categoria até 57 kg

## Mesmo sem a meta, COB exalta desempenho

**BRASÍLIA** Brasil fica fora das dez primeiras em medalhas, mas comitê comemora número de finais

**MARCEL MERCHED**  
**PAULA RIBEIRO GONZ**  
100-000019101-00-00

O COB (Comitê Olímpico do Brasil) comemorou o desempenho da equipe brasileira nos Jogos do Rio, apesar de o país não ter alcançado a meta estabelecida pela própria entidade: ficar entre os dez primeiros colocados no quadro de medalhas.

O Brasil conquistou sete ouros, sete pratas e sete bronzes e, assim, ficou na 17ª colocação dos Jogos pelo total de medalhas. O diretor-geral disse o presidente do Comitê Olímpico do Brasil, Carlos Arthur Nuzman, disse o presidente do COB, Carlos Arthur Nuzman.

"O desempenho [tanto na medalha] que ficou a três

medalhas da meta. O Brasil está no caminho. Projeções de mais alguns quadris com esse investimento e planejamento para continuar nos próximos Jogos. Não temo uma posição olímpica", afirmou Marcos Vinícius Freire, diretor executivo de esportes do COB.

O Brasil chegou a 71 finais, quase o dobro de Londres 2012, quando foram alcançadas 36. Também ficou 19 vezes em quarto ou quinto lugar, em 11 modalidades.

"O objetivo não é meramente medalha, é unidade", disse o presidente do COB, Carlos Arthur Nuzman.

Freire ressaltou a necessidade de investimento público

de aproximadamente R\$ 3,4 bilhões para o próximo ciclo.

"As três ações participam do governo são leis: Licitação, PIS e Bolsa Atleta. Esperamos que elas sejam aprovadas, e deve ocorrer. Outra coisa importante é que as condições vão continuar com posturas cada vez melhores.", O dirigente disse que o investimento das Forças Armadas também vai continuar.

**PREPARAÇÃO CABA**

A preparação da equipe olímpica brasileira para os Jogos de Tóquio 2020 vai custar mais do que no quadriênio para o evento do Rio, de acordo com o COB.

Comitê do Rio de Janeiro, o comitê que levará milhares de atletas para os Jogos. A entidade teve nos últimos quatro anos cerca de R\$ 700 milhões para investir na preparação, valor inferior ao de outros países.

Medalhas que ficaram entre a quarta e a décima colocação na classificação dos Jogos Olímpicos do Rio são cerca de R\$ 2,5 bilhões para aplicar em suas respectivas equipes, segundo Freire.

O comitê já escolheu três autoridades japonesas da capital japonesa para acompanhar a delegação do Brasil antes e durante os Jogos de 2020, que ocorrerão entre 24 de julho e 9 de agosto de 2020.



Fonte: Folha de S. Paulo (2016).

De acordo com Cavalcanti e Capraro (2016) o jornal segue a lógica de se utilizar do simbolismo do mito para afetar a sociedade contemporânea, usando de narrativas que equiparam a vitória esportiva à realidade social dos sujeitos. Dessa forma, a sociedade poderá se identificar com a pessoa e se inspirar com as suas conquistas.

Esses fatores traçados registram as características de um discurso heroico dado pela Folha e enaltecendo-a. Sua cobertura midiática apresenta e realiza uma aproximação da atleta Rafaela Silva quando ela completa sua missão: voltar para a sua terra natal para distribuir suas vitórias com seus semelhantes (AMARO; HELAL, 2013).

Portanto é perceptível, acoplado no discurso de herói, que a Folha procura oferecer a partir da imagem da atleta um sentimento de esperança para as populações desfavorecidas, ao qual Rafaela Silva iniciou sua trajetória até chegar aos pódios do mundo Olímpico. Assim, seu caminho serve como um espelho para várias crianças e jovens carentes, que tentam ter no esporte um futuro e projetam uma vida melhor. Desse modo, detecta-se como a ênfase das notícias está relacionada à concepção do esporte como possibilidade de ascensão social, enfatizando que as atividades esportivas representam uma ferramenta importante para a formação humana e social dos indivíduos (MARÍN; BIANCHI, 2019).

A respeito dessa formação, baseado em Marín e Bianchi (2019), é necessário identificar aos espectadores a tentativa da mídia de:

Construir a ideia ingênua de que apenas o esporte é suficiente para essa transformação, liberando ao governo de suas obrigações de elaborar e garantir políticas públicas de habitação, educação, saúde, segurança, bem-estar social e outros serviços fundamentais que levem ao pleno desenvolvimento dos cidadãos brasileiros. (MARÍN; BIANCHI, 2019, p. 98).

Outro aspecto importante a se destacar, é o posicionamento patriota do jornal ao reservar uma parte maior de sua agenda a cobertura de atletas com maior probabilidade de vitória. É através dos atletas que a nação se vê representada e, portanto, vincular apenas imagens positivas é emocionalmente mais satisfatório para os leitores do que apresentar diversos coadjuvantes que terão papel irrelevante na batalha que se seguirá.

Traquina (2005) indica as relações que são estabelecidas entre jornal e leitores, sobretudo na teoria interacionista. Para o autor, os produtores e destinatários do conteúdo jornalístico interferem mutuamente, uma vez que o enquadramento dado a um fato noticioso influencia quem o recebe, mas em última instância é o leitor quem decide se vai ou não consumir aquele conteúdo. Desse modo, a Folha é totalmente dependente dos acontecimentos

que pretende noticiar. Caso eles não sejam do agrado do seu público, corre-se o risco de perda do consumidor.

Logo, percebe-se na cobertura da Folha uma discrepância entre os discursos realizados no período pré-evento e pós disputa. No primeiro caso há uma negligência da atleta e no segundo o seu enaltecimento como heroína. Essa dicotomia tenta ser justificada pelo jornal caracterizando Rafaela Silva como uma surpresa ou algo inesperado para todos, contudo primeiramente optou-se por ocultar a sua imagem perante as expectativas que se tinha para os seus resultados - quase nula.

Nesse caso, sua origem social e raça foram os aspectos mais utilizados para reforçar a cobertura de uma vitória sem precedentes e a construção de sua figura heroína. Já que Rafaela Silva foi retratada principalmente como uma brasileira típica de origem pobre, negra e com dificuldades a procura de uma maior identificação do público brasileiro, pois sua trajetória é cheia de momentos de superação, como a história de grande parte da população (MARÍN; BIANCHI, 2019). Assim, observa-se como a mídia articula em seus discursos elementos pertencentes à identidade cultural, essenciais para que a identificação entre os sujeitos, seus fatos e as notícias ocorra (SANFELICE, 2018).

Com esse enquadro, a Folha de São Paulo justifica suas ações anteriores ao leitor e garante a manutenção de sua posição como produtora de conteúdo jornalístico neutro. Ainda, ao analisar sua cobertura nota-se a posição de negligência perante a campanha que a atleta Rafaela estava desempenhando e um tanto discriminatória, especialmente evidente pela linguagem utilizada sendo mais tipificada por suas circunstâncias do que por suas ações (GUTIÉRREZ, 2004). Assim, houve um descaso no período do pré-evento e somente após a disputa que houve a propensão para o discurso de herói a partir da figura da atleta.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Após a análise das matérias, é possível afirmar que no início dos Jogos Olímpicos Rio-2016, obteve-se mais enfoque em atletas que a mídia esperava que iriam se sobressair, porém com o decorrer do evento as expectativas não tiveram sucesso e quem menos se almejou foi quem triunfou nos pódios. A partir deste momento a atleta ganha espaço na mídia pelo impacto causado com a sua vitória inesperada.

No período pré-evento o jornal traz a discussão de gênero para o esporte e salienta a comparação entre homens e mulheres, como também a divisão de força e de fragilidade. Já no

recorte da disputa, a atleta Rafaela Silva garantiu seu espaço nos agendamentos da Folha após ter ganho o primeiro ouro do Brasil.

Após essa conquista, pode-se notar que a Folha utilizou a imagem da atleta, para construir uma narrativa com características heroicas, rememorando as vitórias, derrotas, a superação de momentos adversos e o retorno às conquistas. Em sua cobertura evidencia-se que Rafaela obteve o papel de vencedora, sobretudo, de enfrentar e se colocar defronte ao seu lugar em uma sociedade machista e preconceituosa.

No período pós disputa, a judoca teve o seu retorno triunfal de volta para a favela da cidade de Deus no Rio de Janeiro, onde foi recepcionada como uma heroína. A Folha ilustra o significado que os heróis do esporte impactam em uma sociedade, que por muitas vezes vê esperança em atletas que conseguem vencer a pobreza, a desigualdade e a violência de uma comunidade que não vê futuro fora daquela realidade.

Por fim, pode-se afirmar que a mídia exerce um papel fundamental em seus posicionamentos discursivos, pois tem a capacidade de criar novos sentidos e significados a cada momento, como também apontar diferentes questões para com a sociedade. Rafaela Silva, por sua vez, foi negligenciada pela cobertura da Folha até se consagrar com a vitória. A partir desse momento, o jornal utiliza sua imagem como um símbolo de esperança, sobretudo de superação por todos os desafios que a atleta ultrapassou. Por isso, sua história passa a ser explorada e trazida pelo jornal para que a sociedade se identifique com a atleta.

## REFERÊNCIAS

AMARO, F.; HELAL, R. Heroísmo e olimpismo: a narrativa da Folha de São Paulo sobre os atletas brasileiros medalhistas nas Olimpíadas de Londres (2012). *In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO*, 36., 2013, Manaus. **Anais [...]**. Manaus: Intercom, 2013.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2016.

CAMPBELL, J. **O herói de mil faces**. São Paulo: Cultrix, 1995.

BRASIL. **Decreto-Lei nº 3.199, de 14 de abril de 1941**. Estabelece as bases de organização dos desportos em todo o país. Brasília: Presidência da República, 1941. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/decreto-lei/1937-1946/del3199.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/1937-1946/del3199.htm). Acesso em: 3 nov. 2019.

CAVALCANTI, E. A.; CAPRARO, A. M. O mito do herói: uma análise a partir do discurso da Folha de S.Paulo acerca do caso Ronaldo na Copa do Brasil de 2009. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v. 30, n. 3, 2016.

COI. Comitê Olímpico Internacional. **Documentos do COI**. [S. l.]: COB, 2016. Disponível em: <https://www.cob.org.br/pt/cob/documentos/comite-olimpico-internacional>. Acesso em: 4 fev. 2018.

DIJK, T. A. V. **La noticia como discurso**: comprensión, estructura y producción de la información. Barcelona: Paidós Comunicación, 1990.

FOLHA DE S.PAULO. **Acervo Folha**. São Paulo, 2016. Edições 31.116 a 31.147. Disponível em: <https://acervo.folha.com.br/index.do>. Acesso em: 4 fev. 2018.

GOELLNER, S. V. Jogos Olímpicos: a generificação de corpos performantes. **Revista USP**, n. 108, p. 29-38, jan./mar. 2016.

GUITIÉRREZ, B. La categorización masculina del mundo a través del lenguaje verbal de los medios. En: LÓPEZ, P. **Manual de información en género**. Madrid: IORTV, 2004. cap.3, p. 95-105.

HELAL, R. Mídia, construção da derrota e o mito do herói. **Motus Corporis**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 2, 1998.

KATZ, E. Os acontecimentos mediáticos: o sentido de ocasião. In: TRAQUINA, N. (org). **Jornalismo**: questões, teorias e “estórias”. Lisboa: Vega, 1999.

MARÍN, J. M.; BIANCHI, P. Rafaela Silva y Carolina Marín. Representación mediática de heroínas Olímpicas en Los Juegos Rio 2016. **Animus**, v. 18, n. 37, 2019.

MOURA, D. L. et al. Esporte, mulheres e masculinidade. **Esporte e Sociedade**, Rio de Janeiro, n. 13, 2009/2010.

MULLER, L. **O herói**: todos nascemos para ser heróis. São Paulo: Cultrix; 1987.

PRADO, V.; ALTMANN, H. R. A Condutas naturalizadas na educação física: uma questão de gênero? **Currículo sem Fronteiras**, São Paulo, v. 16, n. 1, p. 59-77, jan./abr. 2016.

RUBIO, K. O trabalho do atleta e a produção do espetáculo esportivo. **Revista Eletrônica de Geografia y Ciencias Sociales**. 2002. Disponível em: <http://www.ub.edu/geocrit/sn/sn119-95.htm>. Acesso em: 4 fev. 2018.

RUBIO, K.; SIMÕES, A. C. De espectadoras a protagonistas: a conquista do espaço esportivo pelas mulheres. **Revista Movimento**, Porto Alegre, v. 5, n. 11, p. 50-56, 1999.

SÁNCHEZ, M.; CAFFAREL, C. Los medios de comunicación como constructores de sentido y significado. En: LÓPEZ, P. **Manual de información en género**. Madrid, IORTV, cap.7, p. 201-217, 2004.

SANFELICE, G. R. **Processos midiáticos no campo esportivo**. Curitiba: Appris, 2018.

SALVINI, L.; MARCHI JÚNIOR, W. Uma história do futebol feminino nas páginas da Revista Placar entre os anos de 1980-1990. **Revista Movimento**, Porto Alegre, v. 19, n. 1, p. 95-115, jan/mar 2013.

TRAQUINA, N. **Teorias do jornalismo:** porque as notícias são como são. 2. ed.  
Florianópolis: Insular, 2005.